

Cortar a ração dos leões famintos não é boa ideia

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS

* General da reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército



Profissionais acostumados a lidar com crise sabem que existem duas formas básicas de controlar os leões enjaulados da opinião pública, famintos por notícias, especialmente sobre malfeitos.

A primeira é dar meia ração aos animais, que não os satisfaz, mas não deixa os leões morrerem de inanição. Apresentam-se as informações de forma parcelada, amenizando o impacto final. É usada quando o conhecimento da dinâmica dos fatos não está esclarecido e, portanto, precisa-se ganhar tempo, ou, em distinta circunstância, se pretende manter o tema em evidência.

A outra, oferecer a ração completa, saciando os leões já naquele momento. Toda informação disponível é apresentada de uma só vez, deixando o assunto cair aos poucos no esquecimento. Normalmente, é usada quando se tem dados que respondem com segurança às perguntas cruciais: o que, quem, quando, onde e como.

Em ambos os casos, a verdade nunca pode ser negligenciada, pois a descoberta de um falso de fatos agrava ainda mais a imagem da instituição, comprometendo a administração da crise. Todavia, no mundo moderno, impactado pelas narrativas das mídias sociais e dos grupos de mensagens, surgiu uma terceira forma de lidar com a crise. Raciona-se ainda mais a comida dos leões, criando sucessivas crises que ofuscam as imediatas anteriores.

Essa última opção não me parece modismo que logo passará. Manter a temperatura das narrativas elevadas, controlando-as para que não entrem

em ebulição, enquanto aponta-se o indicador para outro fato ou pessoa, será a técnica mais e mais empregada no domínio das “mentes e corações”.

Instituições públicas ou privadas, de grande porte ou meras quitandas, autoridades ou cidadãos comuns compreenderam que a maneira de ocupar espaço na opinião pública mudou drasticamente das ferramentas conservadoras do rádio, jornal e TV para os avançados algoritmos presentes nos aplicativos dos mais simples smartphones.

Diante desse cenário, a geração de crise para combater a crise vem se aperfeiçoando. Os detentores de conhecimentos técnicos e instrumentos mais sofisticados mergulham na deep web, onde acreditam que estão protegidos do alcance da lei, e, agora com a poderosíssima inteligência artificial, dificultam ainda mais a identificação da fraude informacional.

Some-se a esse desafio o fato de que o campo de batalha informacional está cada dia mais encharcado pelo excesso de notícias, nivelando os grupos que fazem uma gestão profissional da comunicação, transparente e baseada na verdade, com grupos sem compromissos com valores morais da sociedade e instigados pelo quanto pior melhor.

A crise do como comunicar, que está acima de todas as outras crises, vai exigir realinhamentos da sociedade que, talvez, afremem as colunas basilares da democracia como a professamos.

Precisaremos tratar com mente despoluída, aceitando discordâncias de opinião, a concentração da produção e divulgação de notícias, a liberdade escancarada de opinião, o poder incontrolado

das big techs, o uso indiscriminado da inteligência artificial, entre outros assuntos que minam a base de nossa sociedade, empurrando-nos para essa loucura diária que vivemos.

Estamos aboletados em um trem que se aproxima veloz de um desvio. Em um ramo, ele nos leva a um túnel escuro e tortuoso, cheio de incertezas sobre o que encontraremos ao seu fim, no outro, ao precipício profundo do maniqueísmo de opinião (ideológico ou não), que já conhecemos e que se mostra quase incontrolável.

Como sociedade impactada, devemos assumir o papel de maquinistas. Devemos puxar o freio de emergência para parar o trem, evitando o desastre e ganhando tempo para decidir com serenidade quais estratégias utilizar para encontrar um outro futuro. Esse que se avizinha é claramente sombrio.

A história é mestra por nos ensinar. No livro *O Grande medo*, Georges Lefebvre alinhavou fatos geradores que levaram ao espocar da Revolução Francesa.

Dentre os mais importantes, iluminou crises como desemprego, encarecimento dos produtos alimentícios, agitações decorrentes da miséria e crise política, essa a conturbar os espíritos, tornando os franceses mais impetuosos e, ao fim, incontroláveis diante de tantas injustiças.

Por aqui, os pretensos domadores da vontade do povo, que usam a técnica de combater crise com outra crise, deviam conhecer a obra de Lefebvre e compreender que podem perder o controle sobre a alcatéia e se tornarem as primeiras vítimas a serem devoradas pelos leões.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.df@dabr.com.br

O homem que virou suco

Se existe um detalhe que nem o socialismo nem o nazismo gostam de admitir é que, por trás de toda sua propaganda ideológica, sempre existiu uma pulsão para minar dentro do indivíduo todas e quaisquer ligações com suas raízes e, portanto, com sua família, substituída por uma espécie de pai coletivo e impessoal, personificado agora na figura do chefe de Estado.

Para muitos historiadores livres e infensos a ideologias, essa situação foi sendo erigida à medida que avançavam os “progressos” gerados da Revolução Industrial, sobretudo com o êxodo dos trabalhadores dos campos para as cidades nascentes em busca de melhores condições de vida.

A racionalização da produção e a perda de identidade ajudaram a fermentar o caldo em que os trabalhadores se viram imersos num misto de misérias e incertezas, onde a despersonalização do indivíduo o deixou à mercê de apelos exóticos. Transformado agora naquilo que ele não era em sua origem, abriu-se dentro dele um deserto capaz de assimilar o que quer que fosse. Era o homem transformado em suco.

Se já não sei o que sou, logo posso ser o que quero que eu seja. Uma coisa é certa: é preciso ser alguma coisa, mesmo que não seja nada. Presas fáceis de demagogias, serviram essas multidões para dar a feição ao mal.

Daí a insistência com que as ideias totalitárias buscam desmanchar os laços familiares, pois são eles que conferem identidade. Daí também a insistência com que os ditadores buscavam destruir a religião e quaisquer laços com o mundo espiritual, pois muitas delas falam ao espírito, que é uma entidade individual.

A desculturalização é assim: um processo precioso para aqueles que querem dominar. Um fato que chama a atenção é que até a maneira de vestir e os modelos de vestuário uniformizados usados pelos trabalhadores concorrem para a despersonalização deles. Observe que na Coreia do Norte, até o modelo do corte de cabelo para homens e mulheres é ditado pelo governo. Fugir desses padrões é ir ao encontro da morte.

A pasteurização do indivíduo e sua imersão numa massa amorfa tornam fácil todo processo de instauração dos totalitarismos. Observe que o que é retirado do indivíduo como identidade é imediatamente preenchido com as novíssimas ideias de controle. A felicidade é dada pela certeza de que já não existem classes sociais acima.

Todos estão nivelados por baixo. Exceto aqueles que estão no comando ou a nomenclatura. Desraigado, resta ao indivíduo capitular numa espécie de morte em vida, ou como dizia o filósofo de Mondubim: “Para viver, basta estar morto”.

Outro aspecto, e que diz muito sobre esses nossos dias atuais, é com relação à intercomunicação entre os indivíduos por meio das redes sociais. É preciso também, nesse caso, cessar o diálogo entre as pessoas, pois dele podem nascer ideias subversivas, como, por exemplo, a de manter a própria identidade. Vem daí o eufemismo da regulação das mídias, que nada mais é do que impedir que possa renascer a ideia de que o indivíduo é um ser único e ninguém pode substituí-lo e, sobretudo, diluí-lo.

» A frase que foi pronunciada

“Não há escola igual a um lar decente, e não há professor igual a um pai virtuoso.”

Mahatma Gandhi

Brasília

Vale a pena buscar no Spotify o bate-papo entre Paulo Henrique Paranhos e Emília Stenzel sobre a obra arquitetônica de Brasília. No programa *São Diálogos*, da São Geraldo. Link disponível no Blog do Ari Cunha.

Água capital

Por iniciativa da senadora Leila Barros, importantíssima discussão sobre o risco de contaminação das águas do DF e a falta de planejamento estratégico sobre o assunto acontecerá na Comissão de Meio Ambiente do Senado, às 9h30 de hoje. A Agência Senado divulga a presença, na comissão, de Lúcia Mendes, coordenadora do Fórum de Defesa das Águas do DF; Vicente Bernardi, professor de geofísica da Universidade de Brasília (UnB); Maria Sílvia Rossi, diretora de Planejamento e Administração do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); e de representantes da Procuradoria da República do Distrito Federal, da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal (Adasa), da associação Guardiões das Águas Emendadas (GAE), da Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal e do Centro Inter-nacional de Água e Transdisciplinaridade (Cirat).

» História de Brasília

A chegada em Washington nada houve de anormal. Falou primeiro o presidente Kennedy e em seguida o sr. João Goulart. O discurso do presidente americano foi imediatamente traduzido para os presentes, pelo tradutor do Departamento de Estado, com sotaque português. (Publicada em 4/1/1962)

A armadilha da meia melhora

» BENITO SALOMÃO

Doutor em economia pelo PPGE, da Universidade Federal de Uberlândia

Divulgação dos dados recentes da economia brasileira aponta para uma razoável melhora no ambiente macroeconômico observada em 2023. O PIB acumulando apresentou um crescimento de 2,9%. A inflação convergiu para o intervalo superior da meta após mais de dois anos acima desse patamar. O fiscal não está solucionado, mas também não apresenta nenhuma piora aguda. No curto prazo, o endividamento público deve crescer, mas não deverá entrar — na ausência de fatos novos — em uma trajetória explosiva.

A observação crua dos dados informa uma melhora no curto prazo. Porém, essa é apenas uma meia melhora. Em uma sociedade democrática conservadora como a brasileira, essa meia melhora econômica pode se traduzir em uma apatia política capaz de impedir voos mais ambiciosos. Aqui, por conservador, resgato o significado filosófico original do termo, cunhado por Edmund Burke (1790), que supôs que as mudanças sociais devessem se dar por um regime de regramentos procedimentais — instituições — estáveis, e que, portanto, tais mudanças são lentas, graduais e obtidas mediante a regras.

Voltemos aos dados mencionados anteriormente: o PIB é melhor do que a média da década anterior, mas insuficiente para uma convergência visando alcançar os países de renda alta. Some-se a isso o fato de que, na análise trimestral, o crescimento do PIB 2023 ficou circunscrito ao primeiro semestre do ano. Ademais, as expectativas futuras sugerem que, sem o bom desempenho do agro, a tendência é a taxa de crescimento se acomodar abaixo do verificado no último biênio.

Quanto à inflação, houve convergência para a meta, e isso está possibilitando a redução, ora em curso, da taxa de juros. Ocorre que o IPCA acumulado em 12 meses findados em fevereiro ainda se encontra em torno de 4,5%, no limite superior da meta. A convergência para o centro — hoje de 3% ao ano — pode se mostrar mais resiliente do que inicialmente muitos previam. Aparentemente, segundo o próprio guia-dance apresentado pelo Banco Central do Brasil (BCB), a inflação não convergirá para o centro da meta em 2024, sendo mais provável que essa convergência ficará a cargo do futuro presidente.

Sobre isso, ainda pairam incertezas, pois não se sabe se o próximo presidente do BCB terá compromisso com o centro da meta ou lealdade para com o grupo político que o indicará, que tem uma visão bastante particular sobre o regime de metas inflacionárias. Existe uma preocupação manifestada por uma parte dos observadores de que o teto da meta venha a se tornar o alvo implícito para onde o BCB guiaria a política monetária. Se isso acontecer, ceteris paribus daria à autoridade monetária a possibilidade de manter a taxa real de juros por algum tempo no campo expansionista.

Porém, há algumas ressalvas! Primeiramente, esse padrão de política econômica é dinamicamente inconsistente e pode produzir efeitos deletérios no futuro. Isto é, operar a política monetária no fio da navalha irá fatalmente repercutir no processo de ancoragem de expectativas. Ou seja, se os agentes perceberem que o alvo do BCB é o teto da meta em vez do centro, irão ajustar preços e salários baseados nisso, o que levará a um segundo problema: a corrosão da reputação

do BCB. A política monetária baseada em regras supõe um jogo entre a autoridade monetária e o público cuja posição dominante é a do Banco Central. Isso é operacionalizado da seguinte maneira: a autoridade monetária (o Conselho Monetário Nacional) divulga uma meta de inflação ao público e dá ao BCB um instrumento de política para cumpri-la.

O público, que também participa do jogo, fixa seus preços e salários supondo duas ações possíveis do BC: cumprir a meta (no centro) ou não a cumprir. Para um jogo sequencial, quanto mais o BCB cumpre a meta, maior a probabilidade de o público fixar seus preços e salários baseados na meta. Isso devido à reputação adquirida. Se, ao contrário, a meta não é cumprida, maior a probabilidade de o público fixar seus preços observando outras variáveis. Esse processo é chamado de desancoragem e pode resultar em um elevado custo para a política monetária. Em suma, um BC pouco crível tem que manter a política monetária no campo contracionista por um longo tempo para restaurar sua reputação.

Voltando à desinflação verificada no último ano, essa foi apenas uma meia melhora e ainda exige esforços do BCB visando fazê-la convergir para o centro da meta. Hoje, o debate público nacional está muito calcado na perspectiva para os movimentos futuros da taxa nominal de juros (Selic). Essa é uma preocupação apenas secundária, o que de fato interessa saber é se a queda em curso será compatível com uma convergência rápida da inflação para o centro da meta ou apenas compatível com a sua manutenção nos arredores do teto da mesma.